

Lauren Fournier, York U [lgfournier@gmail.com]

Auto-Theory as an Emerging Mode of Feminist Practice Across Media

Joan Hawkins describes Chris Kraus's *I Love Dick* (1998) as “theoretical fiction,” meaning not simply fiction informed by theory but fiction in which “theory becomes an intrinsic part of the ‘plot,’ a mover and shaker in the fictional universe created by the author.” In similar fashion, Maggie Nelson's *The Argonauts* (2015) and Paul B. Preciado's *Testo Junkie* (2008) have been described as auto-theory, though this term has not yet been defined. My dissertation seeks to define and historicize this emerging mode of feminist practice, contextualizing it in light of the history of feminist performance art and conceptualism; African-American feminist artist Adrian Piper's durational performance piece *Food for the Spirit* (1971) becomes an entry point for my discussion of auto-theory as a mode of feminist practice. This paper will provide an introduction to the framework and key concepts through which I approach “auto-theory”: a trans-medial, feminist and queer feminist practice that manifests across fiction, critical writing, sound, film, video, art writing and criticism, and performance art. In auto-theory, theorized personal anecdotes or embodied actions constellate with fragments from the history of philosophy to form potent analyses of gender, politics, academia, and contemporary art. Embodied experience becomes the primary material for generating theory, foregrounding disclosure and ambivalence as that which enhances critical rigour and relevance; this move is fundamentally feminist, even as many of these writers and artists openly problematize the feminist position. These writers have internalized such feminist precepts as “the personal is political” and have adjusted them according to new contexts. As postmodern subjects working in the wake of modernism—a long century in which the male-dominated spheres of literature and theory upheld “distance” and “disinterestedness” over emotionality or transparent investment—these artists and writers trouble the tenets of both the modernist canon as well as the younger canon of postmodern feminism.

Autoteoria como um modo emergente de prática feminista através das mídias

Joan Hawkins descreve *I Love Dick* (1998) de Chris Kraus como “ficção teórica”, significando não simplesmente ficção informada pela teoria, mas ficção na qual “teoria se torna uma parte intrínseca do enredo, um agente e agitador no universo ficcional criado pelo autor.” De maneira similar, *The Argonauts* (2015) de Maggie Nelson e *Testo Junkie* (2008) de Paul B. Preciado têm sido descritos como auto-teoria, mesmo que este termo ainda não tenha sido definido. Minha dissertação busca definir e historicizar este modo emergente de prática feminista, contextualizando-o à luz da história da arte performática e conceitualismo feministas. O trabalho performático duracional *Food for the Spirit* (1971) da artista feminista afro-americana Adrian Piper se torna um ponto de partida para minha discussão de auto-teoria como um modo de prática feminista. Este artigo proverá uma introdução à estrutura e conceitos chave através dos quais

LABAA 2017

abordo “auto-teoria”: uma prática transmidiática, feminista e de minorias sexuais feministas que se manifesta através da ficção, escrita crítica, som, filme, vídeo, escrita artística e crítica e arte performática. Na auto-teoria, anedotas pessoais teorizadas ou ações incorporadas

orbitam fragmentos da história da filosofia para formar análises potentes de gênero, política, academia e arte contemporânea. Experiência incorporada se torna a matéria-prima para geração de teoria, destacando revelação e ambivalência como aquilo que realça o rigor crítico e relevância. Este movimento é fundamentalmente feminista, mesmo que muitos destes escritores e artistas problematizem abertamente a posição feminista. Estes escritores internalizaram tais preceitos feministas como “o pessoal é político” e ajustaram-nos de acordo com novos contextos. Como indivíduos pós-modernos trabalhando no despertar do modernismo — um longo século no qual as esferas literárias e teóricas masculinamente dominadas mantiveram “distância” e “desinteresse” sobre investimento emocional ou transparente — estes artistas e escritores desafiam os mandamentos de ambos, o cânone modernista bem como o cânone jovem do feminismo pós-moderno.

[Traduzido por Lucas Victor de Oliveira - oliveiralucasvictor@gmail.com]

Lauren Fournier is an artist, writer, and PhD candidate in the Department of English at York University where she is completing a SSHRC-funded doctoral project on “auto-theory” as a contemporary mode of feminist practice across media. Her work has been exhibited in galleries and artist-run centres across Canada, the United States, and Berlin. Her writing has been published in *Canadian Art*, *Magenta*, *The Journal of Comparative Media Arts*, *Canadian Journal of Woman Studies*, and *West Coast Line*. She is on the editorial committee of KAPSULA and the programming committee of the Feminist Art Conference (FAC) in Toronto. She is a graduate associate with the Centre for Feminist Research at York University, and has previously organized the Feminist Pedagogy Working Group through OISE and CFR.